

## A ETNOGRAFIA COMO METODOLOGIA PARA OS ESTUDOS DO LAZER E DA FESTA TRANSA!

GABRIEL VITOR DE MELO SOUZA<sup>1</sup> & LEONARDO TOLEDO SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Graduando em Educação Física, gabrielvmsouza@gmail.com*

<sup>2</sup>*Professor do Curso de Educação Física, leonardo.silva@unifemm.edu.br*

---

*Caderno Saberes, n. 6, 2020*

**RESUMO** - Este estudo apresentou uma imersão cultural da Festa Transa! – Música Brasileira, que tem como propósito a exaltação da música e da identidade nacional, perpassando pela diversidade de estilos e ritmos musicais brasileiros. Como ponto de partida, foi preciso articular com conceitos já consolidados, como lazer, cultura, festa e “pedaço”. O objetivo dessa pesquisa foi propor uma possibilidade para os estudos de Lazer e Festa com apoio nas teorias antropológicas e na etnografia como metodologia de coleta de dados, que se constitui epistemologicamente na matriz disciplinar da antropologia. A etnografia, assim compreendida, como método e teoria nos estudos das culturas, parece a abordagem mais adequada para a realização de uma pesquisa cujo objetivo é compreender a festa, o “pedaço”, os sujeitos e suas práticas culturais e sociais. A análise a partir de uma etnografia foi realizada para que fosse possível estabelecer um “olhar de perto e de dentro”, investigando os atores sociais envolvidos. A pesquisa possibilitou entender os elementos que circundam a Festa Transa! – Música Brasileira enquanto tempo e espaço de lazer, como se constituem e como pensam os sujeitos do “pedaço”.

**Palavras-chave:** Etnografia. Festa. Lazer. Pedaço.

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho busco evidenciar a etnografia como método de investigação utilizando um tema em constante crescimento nos campos do lazer: as festas. Entendo o lazer como manifestação cultural e que deve ser vivenciado por todos os indivíduos, compreendo, também, que as festas são manifestações inseridas nesse campo e um dos aspectos para que os sujeitos exerçam suas cidadanias. É notória a importância do aprofundamento desses saberes e das manifestações culturais. Para isso, apropriado de estudos da Educação Física, Antropologia e Educação para a realização dessa pesquisa.

Um dos questionamentos precursores dessa pesquisa foi a procura pelo entendimento das relações estabelecidas entre os espaços de lazer e a sociedade em que estão circunscritos. A partir disso, juntamente com o objeto de estudo escolhido, pesquiso a identificação da Festa Transa! – Música Brasileira como tempo/espaço de lazer e a discussão de cultura, mercado e entretenimento. Ainda assim, utilizando um conceito explorado pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, procuro analisar o eixo central dessa

investigação sendo parte constituinte do que é colocado como “pedaço”.

Com as festas, somos capazes de as entender como manifestações de uma determinada parcela da sociedade que busca, por meio delas, maneiras de se expressar, de criar redes ou de tecer inter-relações. A partir do momento em que se torna possível pesquisar sobre esses elementos, há possibilidades de traçar caminhos e entender, de maneira semiótica, como são construídas essas relações e como estão representadas de acordo com os sujeitos.

A Festa Transa! - Música Brasileira, traz em seu nome um dos álbuns do Caetano Veloso, que sinaliza o retorno do cantor ao Brasil, em 1972, após ter sido exilado em Londres. A junção de elementos como músicas, danças, expressões corporais, linguagens, culturas e até mesmo atos políticos, são convergidos nos eventos festivos. Investigar sobre festas é buscar entender essas interpretações para os sujeitos, compreender os elementos culturais e poder assimilar, de maneira contemporânea, as relações estabelecidas com o mercado vigente.

Os estudos do lazer podem ser considerados recentes na nossa história, Faleiros (1980) relata o quanto essa área era

carente de publicações/reflexões e, as que até então existiam, não desenvolviam o conceito de lazer minuciosamente. No decorrer dos anos, esse cenário passou por transformações, Gomes e Melo (2003) relatam o quanto os estudos, publicações e debates sobre esse tema cresceram e se tornaram evidentes. De acordo com os autores, isso ocorreu tanto pelo fato de haver uma percepção de que cultura e lazer possuem uma relação mútua de interesse, quanto pelo aumento de indústrias de entretenimento e lazer, colocadas como potenciais geradoras de lucros.

Marcellino (2007) relata o surgimento do lazer advindo de uma sociedade urbano-industrial, a partir do conflito trabalho/capital, na Revolução Industrial. Foi a partir dela que houve um maior controle do tempo, seja nos momentos relacionados diretamente com o trabalho ou até mesmo com o reflexo desse controle na vida cotidiana dos sujeitos. Segundo Padilha (2004, p. 219), “antes das sociedades industriais, o limite entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho era tênue, uma vez que os homens eram mais autônomos em relação ao uso de seu tempo”.

Gomes (2014, p. 15) apresenta o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura que, segundo ela:

*se constitui na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espço social. Tal necessidade pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Nessa linha de interpretação, o lazer é uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas.*

Com isso, a necessidade humana se baseia na possibilidade de os sujeitos desfrutarem de práticas construídas culturalmente, baseando nos interesses dos indivíduos em questão, sendo assim, estão inseridas em um contexto histórico e social (GOMES, 2014). As construções dessas práticas podem ser colocadas em paralelo com o conceito de cultura abordado por Geertz (1989), como uma teia de significados que os

próprios sujeitos tecem, trazendo assim, um caráter semiótico para o contexto.

Como colocado anteriormente, o crescimento dos estudos do lazer pode estar relacionado à relação de interesse mutuamente estabelecida com a cultura (GOMES; MELO, 2003). Alves (2003) relata o quanto esse tema não deve ser discutido de maneira rasa, sendo necessário entender sua complexidade para, assim, haver a devida problematização.

Os conceitos de cultura perpassam diversas construções, quando se pensa em cultura de maneira ampliada, entende-se como produto da espécie humana, ou seja, tudo aquilo que o homem produz e produziu até os dias atuais. Sendo assim, nota-se um sentido filosófico para a compreensão ampla, pois a cultura é colocada como oposição à natureza (aquilo que não é produção humana). Com isso, é possível perceber a existência de algo da espécie humana que a difere da natureza (GOMES, 2004).

Daolio (2008) faz uma síntese dos significados de cultura pelo ponto de vista antropológico, mostrando os processos e modificações ao longo do tempo. Segundo o autor, as raízes do conceito se fazem por meio de uma concepção evolucionista, ou seja, existem patamares de desenvolvimento humano que podem ser comparados, diferente da concepção contemporânea de cultura, considerando-a como um processo dinâmico, que faz parte da essência dos seres humanos.

As festas são manifestações culturais que se desenvolvem de maneira única (seja pelos sujeitos, pelos espaços, pela maneira de se comunicar ou pelo significado e representação daquela manifestação para os indivíduos) e, reduzir essas interpretações a um único sentido, seria uma maneira de esvaziar a essência dessa concepção para os sujeitos (ROSA, 2002). Por meio dos eventos festivos é possível associar como os sujeitos que fazem parte de determinado grupo utilizam desses momentos como forma de produzir e reproduzir o que para eles são partes e símbolos de um movimento (MORAES, 2018).

Rosa (2002) faz uso do termo “festar” para compreender a festa como algo amplo e que é construído através de diversos fenômenos que podem partir tanto da organização ou do objetivo da festa em si (cunho religioso, esportivo, musical, entre outros) quanto do

próprio momento em que acontece, envolvendo as danças, comunicações, vestimentas e as interrelações estabelecidas, por exemplo.

Com isso, é possível entender que as festividades são (re) construídas de acordo com todos os elementos que as compõem, seja pelo tempo e espaço ou pelos indivíduos e identidades, por exemplo, “o sentido e a forma de todas essas festas variam conforme as culturas, as religiões, as modas ou o uso das técnicas, mas cada uma, independente de sua dimensão, é um veículo de poder transcendente de antecipação ou de criação” (DUVIGNAUD, 1990, p. 12).

Magnani (2003) reflete sobre os eventos festivos, a comunicação entre os sujeitos e os significados dos espaços para esses indivíduos, entrelaçando todos esses conceitos e os abordando como “pedaço”. Os elementos que constituem o “pedaço” são de ordem espacial e inseridos nesse espaço estão estabelecidas as redes de relações entre os sujeitos. O núcleo do “pedaço” se organiza como um ponto de encontro “obrigatório”, como locais de entretenimento, cultos, serviços básicos, por exemplo. Segundo o autor, “enquanto o núcleo do ‘pedaço’ apresenta um contorno nítido, suas bordas são fluidas e não possuem uma delimitação territorial precisa” (p. 116).

O antropólogo Damatta (1997, p. 21-22) explica que o modo de se comportar do indivíduo se divide em duas categorias, sendo elas a “casa” e a “rua”, mas que durante o cotidiano os códigos morais que perpassam essas esferas entram em choque e Magnani coloca o termo “pedaço” como o espaço intermediário entre o privado (casa) e o público (rua). Para Magnani (2002, p. 16),

*É também evidente, por parte de seus integrantes, uma percepção imediata, clara, sem nuances ou ambiguidades a respeito de quem é ou não é do pedaço: é uma experiência concreta e compartilhada. O analista, por sua vez, também percebe tal experiência e a descreve: essa modalidade particular de encontro, troca e sociabilidade supõe a presença de elementos mínimos estruturantes que a tornam reconhecível em outros contextos*

De acordo com Magnani (1992), torna-se estabelecido um tipo de triângulo, em que as arestas são compostas pelo “pedaço”, pela casa e pela rua. Nesse “pedaço”, elemento que é passível de modificações, são encontradas interseções da casa e da rua, uma sociabilidade diferente do que a estabelecida nesses espaços, como as obrigações e relações na esfera doméstica ou as normas e prescrições que concernem o âmbito público.

Sendo assim, os entendimentos de festa explanados por Perez (2009) podem ser relacionados com o que Magnani (2003) coloca como “pedaço”. A autora afirma que a realização da festa ocorre em determinado tempo e espaço, que é passageiro e que é temporário, porém não se remete (pelo menos não em sua totalidade) a um evento simplesmente delimitado no tempo e no espaço.

## MATERIAL & MÉTODOS

Proponho para os estudos de Lazer e Festa apoio nas teorias antropológicas e na etnografia como metodologia de coleta de dados, que se constitui epistemologicamente na matriz disciplinar da antropologia. A etnografia, assim compreendida, como método e teoria nos estudos das culturas, parece a abordagem mais adequada para a realização de uma pesquisa cujo objetivo é compreender a festa, o “pedaço”, os sujeitos e suas práticas culturais e sociais.

Para alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa, a análise foi desenvolvida a partir de uma perspectiva etnográfica. A etnografia, método de estudo que caracteriza a Antropologia, é constantemente utilizada nos estudos do lazer, principalmente em se tratando de âmbitos festivos, pois a imersão do pesquisador na área a ser compreendida é um elemento fundamental para o entendimento do processo como um todo. Para Geertz (1989, p. 20)

*o que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e*

*inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.*

Para Geertz (1989) praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas – as técnicas e os processos determinados – que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa. Mais à frente, esse mesmo autor coloca que o ponto a enfocar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa.

*Assim entendemos que o investigador ocupa um papel chave na pesquisa, pois cabe a ele observar, sistematizar e interpretar a realidade pesquisada identificando ao menos duas dimensões: a pública, portanto, o lado manifesto e explícito das relações sociais, e a privada, o lado ao qual se referem os elementos constitutivos e atuantes dos bastidores, aquilo que está, aparentemente, implícito e subsumido pela realidade enfocada. Fato que requer saber que no social o cotidiano é composto de mundos interdependentes aos quais o acesso depende do nível de interação que se estabelece entre o investigador e o grupo social pesquisado. E que evidencia que qualquer grupo humano tem regras próprias – traços culturais peculiares e nem sempre aparentes. (ROCHA e TOSTA, 2013, p.140)*

O olhar “de perto e de dentro”, explanado por Magnani (2002, p. 12), pode ser considerado um componente central no que diz respeito à etnografia, pois por meio desse direcionamento é possível compreender como os atores sociais envolvidos se organizam socialmente e como refletem os valores inseridos nos seus respectivos “pedaços”, que difere do olhar “de longe e de fora”, que busca entender os conceitos e a dinâmica de uma sociedade sob um ponto de vista “macro”, generalizando os sujeitos e seus processos de construção de identidades.

Como a pesquisa se baseia na Festa Transa! – Música Brasileira, realizada na cidade

de Sete Lagoas, foram efetuadas duas idas aos eventos festivos que aconteceram na cidade, nos dias 08 de fevereiro de 2019 e 30 de abril de 2019, para que fosse possível coletar dados que serviram de suporte para o estudo.

Cabe assinalar que a etnografia não se confunde nem se reduz a uma técnica de coleta de dados ou a um método destituído de uma teoria. Segundo Magnani (2003), a etnografia é antes um modo de acercamento e apreensão total da realidade, do que um conjunto de procedimentos, e o pesquisador pode usar ou servir-se de várias técnicas, conforme as circunstâncias de cada pesquisa.

Também foi utilizada a etnografia virtual e, para a realização dessa etapa, as redes sociais da Festa Transa! – Música Brasileira foram investigadas, sendo elas o Instagram e o Facebook. Com isso, as fotos, vídeos, comentários, e publicações serviram de dados para as investigações. Os registros fotográficos realizados durante o processo e os também fornecidos pelos organizadores do evento foram ferramentas para análises complementares à pesquisa.

Segundo Samain (1998), por mais que os retratos evidenciem uma espécie de congelamento no tempo, eles trazem memórias que permitem os sujeitos adentrarem em uma fragmentação desse tempo e as particularidades e peculiaridades que os compõem, assim, “a fotografia seria, então, o pretexto para um texto” (p. 122). Diante disso, as imagens são carregadas de significados, que revelam uma construção do meio social, por intermédio das fotografias é possível “captar a natureza do olhar que registra, procurar desvendar, através dessas imagens, um pouco do elemento representado, um pouco daquele que o registrou” (CAIUBY NOVAES, 1998, p. 111).

## RESULTADOS & DISCUSSÃO

“Transa! é rock, é samba, é soul, é anos 80, é funk, é brega (com ou sem tecno). Transa! é uma celebração da música e do amor”. As palavras escolhidas para descrever o evento em sua página do Facebook claramente configuram

uma síntese da festa, que faz jus ao tamanho do Brasil e à diversidade que compõe o país.

FIGURA 1 - Capa de divulgação da Festa Transa! - Música Brasileira 08/02/2019.



Fonte: Página do evento no Facebook, autor: André Persechini.

*Segundo a conhecida fórmula damattiana, têm-se dois planos, cada qual enfeixando de forma paradigmática uma série de atitudes, valores e comportamentos, uma delas referida ao público e, a outra, ao privado. O pedaço, porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes e a rua é dos estranhos (onde, em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à fórmula "você sabe com quem está falando?" para delimitar posições e marcar direitos), o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer (MAGNANI, 2002, p. 20).*

Diante dessas constatações abordadas por Magnani (2002), essas mesmas ideias se apresentaram de forma clara nas imersões culturais que, apesar do evento ter acontecido em diferentes locais, há uma interseção evidente entre as duas festas. Seja pelos indivíduos que chegam juntos ou se encontram no local; pela linearidade em que o evento se constrói; pelas músicas que são tocadas; ou por todas as identidades que ali estão.

A partir da etnografia foi possível firmar a importância e a representação da festa enquanto “pedaço”, como esse espaço é estabelecido mediante regras (além das demais que são encontradas em locais privados), em específico as que são elaboradas nas relações interpessoais, o que se pode ou não fazer, “situa-se um espaço de mediação cujos símbolos, normas e vivências permitem reconhecer as pessoas diferenciando-as, o que termina por

atribuir-lhes uma identidade que pouco tem a ver com a produzida pela interpelação da sociedade mais ampla e suas instituições” (MAGNANI, 2003, p. 117).

Durante todo o processo investigativo, buscou-se reconhecer a Festa Transa – Música Brasileira como “pedaço”, tempo e espaço de lazer. Para embasar essa discussão, foram analisados conceitos consolidados na literatura como lazer, cultura, festa e “pedaço”. Em síntese, o lazer foi retratado como as manifestações culturais vivenciadas pelos indivíduos (necessidade humana e dimensão da cultura), a cultura como as produções humanas e os meios, festas como possibilidades de vivências de lazer, construções e afirmações de identidades e “pedaço” como uma particular rede de relações.

Os conceitos abordados por Rosa (2004) foram amplamente discutidos pelos indivíduos, como um momento de libertação, de construção e afirmação de identidades, como transgressão e diversidade, resumindo o que sempre é colocado nas descrições dos eventos, uma celebração da música e do amor.

## CONCLUSÕES

As buscas e indagações aqui abordadas podem ser projetadas para ampliar a compreensão de todos esses conceitos. Magnani (2002), entre as categorias de análise estabelecidas em torno de etnografias urbanas, constrói o entendimento de “circuito”, possibilitando expandir os horizontes em relação a um recorte específico. Segundo o autor,

*trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o circuito gay, o circuito dos cinemas de arte, o circuito neo-esotérico, dos salões de dança e shows black, do povo-de-santo, dos antiquários, dos clubbers e tantos outros (p. 23-24).*

As investigações que permearam este estudo foram apenas um pequeno “pedaço” das

inúmeras pluralidades das manifestações culturais. Com isso, há possibilidades de promover uma continuidade nas pesquisas dessa área, para que assim possamos assimilar, cada vez mais, como apresenta Geertz (1989), as múltiplas teias de significados das produções humanas.

## REFERÊNCIAS

CAIUBY NOVAES, Sylvia. O uso da imagem na Antropologia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec: CNPq, 1998. p. 107-113.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania mulher e morte no Brasil*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 163p.

DAOLIO, Jocimar. Verbete: Cultura. In: GONZALEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (Orgs.). *Dicionário crítico de educação física*. 2.ed. Ijuí: UNIJUI, 2008. p. 161-163.

DUVIGNAUD, Jean. É tempo de Festa. *O correio da Unesco*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 11-15, fev. 1990.

FALEIROS, Maria Isabel Leme. Repensando o lazer. *Perspectiva*, São Paulo, v. 3, p. 51-65, 1980.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323p.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 23-44, jan./abr. 2003.

GOMES, Christianne Luce. Verbete: Lazer. In: GOMES, Christianne Luce. (Org.). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 119-125.

Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 35, p. 191-203, 1992.

De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

*Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3.ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003. 166p.

SAMAIN, Etienne. Um retorno à "Câmara Clara": Roland Barthes e a antropologia visual. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec: CNPq, 1998. p. 115-128.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Cultura: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). *Lazer e Cultura*. Campinas: Alínea, 2007. p. 9-30.

MORAES, Lucas Lopes de. Afazeres demoníacos: espaço-tempo na cena black metal paulista. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico. (Orgs.). *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Sesc, 2018. p. 253-267.

PADILHA, Valquíria. Verbete: Tempo Livre. In: GOMES, Christianne Luce. (Org.). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 218-222.

PEREZ, Léa Freitas. Do lazer à festa: em questão o solo epistêmico da modernidade ocidental. *Licere*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 1-15, jun. 2009.

ROCHA, Gilmar, TOSTA, Sandra Pereira. *Antropologia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ROSA, Maria Cristina. Festar na Cultura. In: Rosa, Maria Cristina. (Org.). *Festa, lazer e cultura*. Campinas: Papyrus, 2002. 144p.

Verbete: Festa. In: GOMES, Christianne Luce. (Org.). *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 88-93.